

Sri Prem Baba

Em busca da
VERDADE

Autobiografia de um iogue brasileiro



Prefácio

Todos nós enfrentamos momentos desafiadores em nossa jornada pela vida, pontos de inflexão que parecem nos testar ao limite. Eu mesma atravessei muitos desses momentos, nos quais a dor e a angústia pareciam me envolver, mas que, paradoxalmente, despertaram em mim uma coragem profunda para superar essas dificuldades que aprisionavam minha alma em expansão. São esses momentos que, por mais difíceis que sejam, nos empurram para crescer e descobrir forças que talvez nem soubéssemos possuir.

Um desses marcos em minha vida aconteceu em 2014, quando enfrentei uma depressão pós-parto. Eu, que sempre fiz questão de ser dona do meu destino, de bancar a minha liberdade e independência, me vi vulnerável em um dos momentos mais significativos da minha vida: o de ser mãe. Carregar o peso da responsabilidade de cuidar de outro ser humano enquanto me sentia despedaçada foi uma das maiores provas que já vivi. A crise foi gigantesca, tive pensamentos suicidas e passei por tratamentos complexos, eu quase sucumbi. E naquela época, a força que sempre foi minha marca registrada parecia ausente, desafiando-me a encontrar algo além do que eu já conhecia.

Foi nesse momento de fragilidade que a vida, em sua sabedoria, colocou Sri Prem Baba no meu caminho. A princípio, conheci seus ensinamentos por meio de livros, que foram como um fio condutor para organizar meu mundo interior. Aos poucos, fui me aproximando mais: participei de encontros, retiros e Satsangs, onde pude experimentar diretamente a presença e o amor emanados por ele.

A história e o trabalho de Sri Prem Baba têm me acompanhado nos últimos anos, e não é exagero dizer que marcaram profundamente minha

vida. O impacto de seus ensinamentos em meu processo de transformação pessoal é tão evidente que me faltam palavras para expressar. Costumo dizer que minha vida foi virada de ponta cabeça – e para melhor – ao longo dessa jornada. Prem Baba me ajudou a fortalecer a mulher que sou hoje, sempre com sua inconfundível gentileza, sabedoria e amor. Graças a essa caminhada, pude me expandir como mãe, mulher e profissional: tornei-me mãe, fundei meu escritório, tive outro filho, cresci na advocacia e me formei em novas áreas do conhecimento, como história, filosofia e psicanálise.

Mais do que um mestre ou professor espiritual, Prem Baba tornou-se um verdadeiro amigo, alguém que me acolhe, mas que também me desafia a seguir o caminho do coração. Ele me ajudou a encontrar um propósito maior e a atuar no mundo com clareza, equilíbrio e alinhamento entre justiça e verdade – valores essenciais no meu trabalho. Sua orientação foi, e continua sendo, um impulso para o florescimento da minha verdade interior.

Ao conhecer mais sobre a trajetória de vida de Sri Prem Baba nesta biografia, senti ainda mais admiração por sua coragem em seguir sua intuição, mesmo diante de desafios monumentais. Sua jornada de autoconhecimento, construída a partir da integração de diversos caminhos espirituais, é um exemplo vivo da força da diversidade e do respeito pela pluralidade das buscas humanas pelo divino.

Este não é um livro para ser apenas lido; é um livro para ser sentido. Ele desafia crenças e ultrapassa as fronteiras da normose que tantas vezes limita nossa visão. Aqui, você encontrará mais do que a história de um homem: encontrará o reflexo do potencial humano quando movido pelo amor e pela verdade.

Izabella Borges

Advogada, historiadora e psicanalista

Mensagem ao leitor

A vida é um presente divino. É uma oportunidade de florescer e manifestar aquilo que somos. Quem sou eu? Quem é Deus? O que estamos fazendo aqui? Essas perguntas foram e são a chama da curiosidade divina que se acendeu em mim desde pequeno e me serviram de combustível para viver a vida na intensidade que sinto que ela merece ser vivida. O presente que recebemos de encarnar na matéria, experienciar as quatro dimensões físicas, ter um corpo, uma personalidade, um ego, que são veículos para o nosso Ser, não pode ser desperdiçado a ponto de não atingirmos o nosso propósito, que é amar e nos realizar em Deus.

Não posso dizer que tive uma vida comum, apesar de eu ser um homem comum. Graças a Deus, tive muita coragem para romper as fronteiras do que é socialmente aceito e encontrar os caminhos místicos que alimentaram a minha alma, permitindo que meu Ser florescesse. Encontrei na vida a Verdade Suprema, a religião eterna, aquela que está além das barreiras das religiões criadas pela mente humana, que é a sabedoria que está na natureza, nas profundezas e nas alturas do silêncio do mundo interior e nos Vedas, escrituras sagradas que traduzem a misericórdia divina em nos guiar de volta à nossa morada.

Senti que poderia ser de algum valor eu compartilhar algumas das memórias do caminho iniciático que vivi como Janderson (nome que me foi dado pela minha mãe) em busca da Verdade, até encontrar meu guru, Sri Hans Raj Maharajji, incluindo algumas aventuras e desafios que vivi antes e depois de me tornar Sri Prem Baba (nome que me foi dado pelo meu mestre). Na minha trajetória descobri tesouros, e minha vontade é compartilhá-los com você, que também é um buscador da Verdade. Se essas memórias inspirarem você de alguma forma no seu caminho da

autorrealização, sinto que valeu a pena revirar as gavetas do meu passado para compartilhar meu amor pela vida.

Receba minhas revelações como palavras para a luz divina que habita o seu coração, para que você nunca deixe de acreditar no poder do amor. Mesmo se a escuridão ganhar espaço no mundo ao seu redor, tenha a coragem de amar, sempre!

Namastê.

Prem Baba

Capítulo 1

Se existe uma verdade, manifeste-se

Uma vida costuma ser vivida com a sensação quase permanente de que estamos por um fio. Esse tipo de sentimento se espalha de maneira perversamente democrática sobre todas as pessoas, independentemente do seu lugar de origem, de sua etnia, dos bens materiais que acumula e, para surpresa de muitos, de exibir maior ou menor grau de espiritualidade e autoconhecimento. Na jornada que me trouxe até aqui, em muitos momentos também tive a sensação de que minha vida estava por um fio.

A vida parece estar por um fio de muitas formas. Uma delas é pela sensação constante de perigo, com a iminência da morte. A maioria dos seres humanos lida muito mal com o peso da morte, uma parte imutável da nossa existência, o ponto-final de nosso corpo após os ciclos de nascimento, crescimento, maturidade e envelhecimento. Não à toa, o ser humano une a concepção de Deus à ideia da imortalidade. Admita-se ou não, estar com Deus, sentir Deus e, por que não, ser Deus, é uma ambição, uma expressão do nosso desejo de viver eternamente, de não morrer. Diante do grande conflito entre aceitar a morte e buscar a imortalidade, só a plenitude pode nos dar a coragem para enfrentar a dor do corpo e o sofrimento da mente.

O sofrimento da mente é outra dimensão desse sentimento de que a vida parece estar por um fio. Nesses momentos, o vale do sofrimento é invadido pela força do inferno da mente que duvida, que compara, que julga, que pensa compulsivamente, que abre alas para as porções do mal que

espreitam em nosso interior, todas enraizadas no medo. É quando nossos padrões psicológicos se mostram apegados ao sofrimento e boicotam nossa vontade de viver em alegria. No plano individual ou coletivo, tormentas, crises, frustrações e angústias acumulam-se, aparentemente sem explicação. Assim se deu em diferentes momentos de minha vida.

Eu mal passara dos 30 anos e me sentia assim. Materialmente, nada estava mal. Profissionalmente, também não. Mas a vida parecia ter perdido o sentido. Estava namorando, tinha um bom trabalho, ganhava dinheiro, na aparência tudo parecia pleno, mas me faltava alegria para acordar de manhã e levar a vida. No fundo eu carregava uma angústia profunda, porque não encontrava um propósito para viver. O que eu fazia cotidianamente não me entusiasmava. Na verdade, eu perdera o entusiasmo – aliás, em sua etimologia, “entusiasmo” vem do grego *enthousiasmos*, literalmente “em Deus”. Originalmente, portanto, significava inspiração de uma entidade divina ou pela presença de Deus. Dessa origem resultou o entendimento do entusiasmo como um estado de grande arrebatamento ou alegria, uma disposição para enfrentar dificuldades, superar desafios, transmitir confiança e não se abater. Tudo isso se fora.

Entrei em depressão. Uma tristeza que vinha da sensação de que eu havia perdido a fé nas pessoas e em mim mesmo. Converti-me num julgador, um crítico demasiadamente severo com tudo ao meu redor. Àquela altura eu era um psicólogo em formação. Dava aulas. Era reconhecido como um bom profissional. Havia percorrido vários caminhos. Era passado e memória, a infância pobre de quem nasceu em 9 de novembro de 1965 numa família humilde, batizado Janderson Fernandes de Oliveira, e tinha a rua como *playground* em Guarulhos e no bairro do Imirim, na zona norte de São Paulo. Desde criança fui um buscador. Queria entender o sentido mais profundo da vida e compreender a mente humana. Eu saíra da condição de neto de evangélica e benzedeira, portador de experiências extrassensoriais, para mergulhar no yoga e no Santo Daime, sempre na tentativa de me libertar. Eu me formei em medicina alternativa, me tornei massoterapeuta, depois fitoterapeuta, e em seguida acupunturista. Conheci o xamanismo, oriundo das florestas brasileiras, conheci professores de espiritualidade, até que me formei em Psicologia.

E agora ali, aos 32 anos, minha vida parecia estar por um fio. Naquele momento, assim como ocorrera anos antes, eu ouvia um líder religioso,

achava bonito o que ele falava, mas só enxergava a hipocrisia e a incoerência da distância que separava o seu discurso da sua prática. E me decepcionava. O ceticismo me invadiu a mente. Entrei em depressão, e percebo hoje, décadas depois, que foi tão avassaladora a crise interna pela qual passei, que só não me matei naquela época porque não tive coragem. Mas cheguei a pensar em me suicidar. Decepcionado com a vida, havia perdido a esperança no ser humano. Mais do que isso, eu perdera a esperança de encontrar uma felicidade verdadeira, de conquistar um amor incondicional – afinal, tudo tinha uma condição, eu havia percebido e identificado os jogos de manipulação comuns entre as pessoas. Questionei o ser humano, questionei a sociedade, questionei a mim mesmo, questionei Deus. Diante de tanto sofrimento, comecei a me perguntar se tudo não passava de uma criação da mente humana, sobre a qual Deus tinha pouca responsabilidade.

Era uma crise existencial profunda. Sentia-me vítima de repetições negativas e destrutivas, de coisas que aconteciam à revelia de minha vontade consciente. E com tantos questionamentos, dúvidas e angústias, mas decidido a me apegar a um fiapo de fé, fiz uma oração sincera para o universo. Pedi: “Se existe uma verdade neste mundo além das criações da minha mente, por favor, apareça, manifeste-se aqui e agora, me dê um sinal, porque eu cheguei ao fim da linha”. Fiz a oração e entrei em meditação.

E tive ali a visão que transformaria minha vida, depois de uma estrada longa e acidentada. A visão era clara: um velho de longas barbas brancas, seminu, estava na Índia, ao pé do Himalaia, e me dizia: “Você fará 33 anos. Venha para a Índia. Venha para Rishikesh”.

Deu-se um estalo. Naquele momento, lembrei-me de outro sinal místico e misterioso que marcou minha jornada – e que eu havia guardado nos porões do inconsciente. Eu tinha 14 anos de idade e praticava arte marcial. Lutava taekwondo e era fã de Bruce Lee, grande estrela do cinema na época, ícone da cultura pop e um dos pioneiros na arte de construir pontes entre o Oriente e o Ocidente. Lee havia morrido em julho de 1973, mas seus filmes eram eternos para um garoto como eu. E, claro, eu queria fazer aquelas coisas que só Bruce Lee fazia. No entanto, meu corpo não tinha elasticidade, não conseguia fazer a abertura pélvica, por exemplo. O yoga foi um modo de dar conta de minhas buscas, e ao mesmo tempo aprender a técnica com a qual as pessoas usavam a mente para dominar o corpo. Numa época em que eu tentava tirar fotos representando golpes como Bruce Lee, era fundamental

ganhar mais elasticidade nas pernas. Havia nas aulas de yoga um momento em que eram entoados cânticos em sânscrito. Pela primeira vez eu ouvia um bhajan, um mantra cantado para Narayan SitaRam, uma manifestação divina cultuada na Índia. Quando ouvi aquilo, entrei num transe místico. Era como se conhecesse aquela língua e aquele universo.

Num desses momentos, senti uma voz perfurando meus ouvidos. Ela falava dentro de mim: “Quando você fizer 33 anos, vá para a Índia, vá para Rishikesh”. A mesma mensagem que ouviria anos depois. Com meus 14 anos de idade, a verdade é que eu nada sabia da Índia. Foi uma tremenda surpresa, mas interpretei como um dos muitos fenômenos que aconteciam comigo até então. Não entendi nada daquele recado emitido por aquela voz. Eu era uma criança com pouca cultura global, e a Índia, para mim, era apenas o destino de Pedro Álvares Cabral quando passou aqui pelo Brasil. E, se eu não sabia nada da Índia, o que dirá de Rishikesh. Não entendi e esqueci a mensagem, fui tratar de viver a vida.

Priorizei ganhar dinheiro. Priorizei conquistar um lugar no mundo. O trabalho se tornou a minha busca espiritual. Mais tarde, meu trabalho se tornou atender pessoas que estavam em conflito, pessoas angustiadas em seus relacionamentos e na sua relação com o mundo. Isso foi ocupando minha vida, até eu desenvolver um método de autoconhecimento para ajudá-las. Contarei em detalhes sobre isso mais adiante, mas por ora é importante saber que eu tinha consciência de que aquilo que estava ensinando não era a minha experiência. Eu apenas repetia coisas que lera nos livros. Dizia coisas que tinha ouvido dos professores que cruzaram meu caminho. Eu falava até mesmo sobre iluminação, mas não tinha sequer tido um vislumbre de iluminação até ali. Era, enfim, um papagaio, repetindo coisas aprendidas lá fora.

No nível mais profundo, eu me sentia um hipócrita. Sim, eu carregava a angústia da hipocrisia. Buscava coerência entre as coisas que eu dizia e o que eu fazia. Aquilo foi me apertando, apertando cada vez mais, até me levar àquela profunda crise existencial. Foi no auge dessa crise, repito, diante de um sentimento de fim de linha, e sendo honesto comigo mesmo, que fiz aquela oração ao universo. Pedi ao universo que se manifestasse caso existisse uma verdade no mundo. E aí surgiu a visão do velho de longas barbas brancas, dizendo: “Você fará 33 anos. Venha para a Índia. Venha para Rishikesh”.

Rishikesh é conhecida como a capital mundial do yoga e da meditação. Localizada no norte da Índia, no estado de Uttarakhand, ao

pé do Himalaia, quase na fronteira com o Nepal e a China, é considerada uma das cidades indianas mais sagradas. Anualmente atrai milhares de praticantes, além de peregrinos em busca de estudos e imersões na meditação e na filosofia hindu. Devotos também vão à cidade para dar um mergulho nas águas sagradas do rio Ganges e limpar pecados e karmas. Suas margens estão repletas de templos, centros de yoga e *ghats*, como chamam as escadarias que levam ao rio, locais para banho e oferendas.

Eu estava noivo, iria me casar com Mara. Ela apreciava a filosofia hinduísta, então fiz uma proposta bem inusitada, de passar a lua de mel na Índia. Não sabíamos o que essa escolha reservava para nossas vidas. Sim, era lua de mel, mas o roteiro turístico foi escolhido também em função da nossa busca espiritual. No nível mais profundo, eu sabia que estava em busca de uma revelação, em busca de algo muito poderoso – a esperança de encontrar uma resposta para a angústia que eu carregava. Uma esperança baseada na visão que tinha uma voz e uma recomendação clara: ir a Rishikesh. Eu tinha a certeza, portanto, de que havia algo para mim por lá. E fui para a Índia.

O início da viagem não foi fácil. Aliás, nunca é fácil para um ocidental a chegada à Índia. Os contrastes sociais, a sujeira nas cidades, o modo de muitos indianos lidarem com os ocidentais, tudo isso aprofundou minha angústia e me deixou mais desesperançoso. Embora visitássemos várias cidades sagradas e encontrássemos pessoas iluminadas, a angústia e o vazio em mim persistiam. Eu via beleza e profundidade nos ensinamentos transmitidos, mas estava longe do que eu de fato buscava. Nada havia mudado, não senti nenhum preenchimento, nenhum sinal. A Índia me incomodava. Meu ego estava à flor da pele, a ponto de dizer para Mara: “Ou este sofrimento passa ou teremos de ir embora”.

Começamos a viagem pela cidade de Pune, ao visitar o ashram do mestre Osho. De lá fomos a diversos outros lugares, até que, a certa altura da viagem, chegamos a Haridwar, cidade próxima a Rishikesh, onde um fenômeno aconteceu. Haridwar é conhecida como o “portão de Deus”, um dos locais hindus que mais atraem peregrinos de todo o mundo. Em Pune eu já tinha ouvido falar de uma mestra americana que oferecia satsangs (encontros com a verdade, como chamamos na tradição védica o encontro de devotos com um mestre para receber ensinamentos) em

Rishikesh. Seu nome era ShantiMayi. Quando ouvi a menção a ela e à cidade, imediatamente me lembrei do chamado para Rishikesh, mas ainda visitaríamos muitas outras cidades antes de chegar lá. Rishikesh seria nosso último destino na Índia antes de irmos para o Nepal. Entendi que deveria ir à procura da mestra ShantiMayi, e foi o que resolvi fazer.

A partir de Haridwar, fiquei diferente, como que num leve transe, e me senti em casa. Uma série de sincronicidades e sinais nos conduziram ao Sachcha Dham Ashram, em Rishikesh, onde ficava a mestra espiritual. A caminho do ashram, no carro, comecei a sentir dentro de mim uma música e comecei a cantarolar. Estava recebendo um hino. Nele estavam a essência e a mensagem do que eu ia encontrar. Uma luz branca me envolveu e me trouxe aquela mensagem na forma de uma música. E cantei:

Serena Luz

Hino 38 do hinário “O Caminho do Coração”, de Sri Prem Baba

*Iluminou e clareou
Divino Deus com seu resplendor
Lá das alturas traz o seu frescor*

*Iluminou e clareou
Divino Deus com seu resplendor
Do coração vem o frescor*

*Divina mãe de caridade
Mostra a bondade acalmando a dor
Florindo os campos com seu amor*

*Pedi conforto e entendimento
Clareou a luz de conhecimento
Em concentração no Deus verdadeiro*

*Vou recebendo e agradecendo
A serena luz aos pés do cruzeiro
Com a união de quem humilde veio*

Senti-me inundado por um grande amor e invadido por uma luz. Meu coração se abriu, minha mente se acalmou e passei a sentir uma alegria sem causa. Entrei em êxtase. Ali eu já tinha a certeza de estar no caminho certo. Toda a minha angústia desapareceu. O caminho certo levava ao ashram onde a mestra ShantiMayi estava dando satsang. Minha mente e meu coração se abriram mais uma vez ao chegar, assim como no trajeto de carro em Haridwar, quando recebi a mensagem em forma de hino.

Era curioso esse sentimento, porque eu nada entendia do que ela falava em inglês. Olhei para trás e vi um mural de avisos. Havia um cartão de uma brasileira que jogava tarô. O cartão dizia: “Ila Brazilian Tarô”. Logo entendi: *tem uma brasileira aqui que joga tarô. Seria muito bom conhecer essa pessoa. Quem sabe ela me ajuda a falar com a ShantiMayi. Quem sabe ShantiMayi me ajuda a entender o que vim fazer aqui na Índia.*

Mas acabou o satsang, as pessoas foram embora, e dois amigos estavam nos esperando, a mim e a minha esposa, com um táxi contratado para seguirmos viagem. Entrei em conflito, pois estava indo embora de Rishikesh sem nada. Expressei minha angústia para Mara, que me respondeu: “Volta lá no ashram, tenta achar essa brasileira, que eu espero aqui no táxi”. Aceitei a sugestão. Voltei ao ashram e, com meu parco inglês, perguntei à primeira pessoa que encontrei subindo uma escada: “Você conhece uma mulher brasileira que joga tarô? O nome dela é Ila”. E a mulher respondeu: “Sou eu”. Ufa! Fui salvo pela sincronicidade. Expliquei minha situação e ela me disse, com tranquilidade: “Venha amanhã cedo que te apresentarei para a ShantiMayi”.

Voltei na manhã seguinte, na primeira hora, como Ila havia recomendado. No entanto, ao chegar, descobrimos que ela havia saído. Ila então sugeriu: “Podemos tentar falar com o mestre dela”. O mestre era Sri Hans Raj Maharajji. Ila me contou que ele muitas vezes dizia não para buscadores estrangeiros que o procuravam, pois atendia preferencialmente os indianos. “Não custa tentar; o máximo que pode acontecer é recebermos um não”, pensamos. Para nossa surpresa, ele se dispôs a nos atender.

Bati à porta do mestre, ele abriu e pude vê-lo. Sim, era o mesmo velho de longas barbas brancas daquela visão que eu tive no auge da minha crise. A mesma voz que ouvi me ordenando, naquela aula de yoga, ainda saindo da minha infância, que fosse a Rishikesh. Ao me ver, ele gargalhou e disse: “Eu estava te esperando”. E diante de Sri Hans Raj Maharajji, caí

de joelhos, aos seus pés. Maharajji havia me chamado para continuar o trabalho. E ali estava eu, em Rishikesh, atendendo ao seu chamado. Minha vida se transformou.

Diante de Maharajji, vi aquele amor que não tinha início nem fim. Um amor totalmente desinteressado. As lágrimas caíram dos meus olhos e pensei: “Aquilo que eu procurava existe. Puxa, isso existe!”. Eu tanto procurara que já tinha perdido a esperança de que pudesse existir neste mundo. Mas agora eu tinha certeza: *sim, isso existe*. Eu tinha muitas perguntas para fazer, mas eu só queria ficar ali, olhando para ele. Era um ser de grande magnetismo, de uma força poderosa imensa. Apesar das minhas travas, eu consegui dizer-lhe que carregava uma angústia muito grande no coração, ao que ele respondeu: “O que falta para você é se entregar a um guru vivo. Fique comigo. Fique comigo por quinze dias. E você vai receber tudo que precisa”.

“Ficar? Como assim? E eu?”. Mara ficou em choque inicialmente, surpresa com a notícia, quando eu lhe contei a conversa ao voltar do quarto de Maharajji. Aquilo me arrasou. Eu havia encontrado o que precisava, e precisava ficar. Encerraria a lua de mel? Daria fim ao passeio que até aquele momento havia sido uma catástrofe? Tínhamos a esperança de que a partir daquele momento a viagem começaria a ficar boa. Iríamos ao Nepal, passearíamos de balão, desfrutaríamos do casamento recém-iniciado. Mas como eu poderia seguir adiante, se meu coração ficara com Maharajji? Que sentido teria continuar a vida, continuar qualquer coisa no mundo lá fora, se ali eu encontrara o preenchimento, a alegria que eu tanto havia buscado?

Foram algumas horas de angústia absurda. Ao fim, Maharajji aliviou para mim: eu poderia voltar depois. Minha iniciação não começaria ali, só ocorreria mesmo no ano seguinte. Mas, de imediato, Maharajji sugeriu que eu fizesse um mantra até que pudesse voltar para passar os quinze dias com ele e então ser iniciado.

Fiz o mantra que ele havia sugerido. E tinha a sensação de que estávamos conectados. De volta ao Brasil, eu acreditava que nos falávamos telepaticamente, mesmo com a grande distância física que nos separava. E foi assim, também telepaticamente, que ele me apontou claramente a data em que eu deveria ir para a Índia, a fim de passar com ele os quinze dias que pedira. Pelo menos eu assim pensava.

Respeitando essa intuição, ou essa conversa telepática, retornei à Índia no ano seguinte, mas para a minha surpresa ele não estava no ashram. Havia saído para um retiro solitário, e ninguém sabia onde estava nem quando voltaria. Houve quem dissesse que ele só retornaria depois de uns quinze dias. Ou seja, se isso de fato acontecesse, eu não iria encontrá-lo. Era o tempo que eu previra para permanecer por lá. *Estou realmente perdido*, pensei. *Como posso estar me enganando dessa forma?* Questionei minha própria convicção de que estava tendo um contato especial com ele, que o ouvia falar dentro de mim. Pelo visto era tudo imaginação. *Estou louco*, raciocinei.

Fiquei novamente frustrado, abatido por uma nova tristeza. Uma tristeza profunda. Fui andar pela vila, juntamente com um amigo que me fazia companhia na viagem, o Eliceu. Fomos caminhando, até que passamos em frente a uma loja com uma foto de Maharajji. O dono da loja, chamado Manoj, me acolheu. Era um homem muito carinhoso, gentil, amoroso, e me deu um abraço acolhedor – sem que nunca tivesse me visto. Vi que ele sentiu a minha dor naquele momento. Eu estava desolado e em lágrimas. Depois de me abraçar, Manoj pegou minha mão e me levou para caminhar um pouco. E me disse: “Confie. Confie na sua intuição. Deus tem seus mistérios. Aqui na Índia chamamos de Lilah. É o jogo criativo do absoluto divino. Aqui a gente entende que o guru é uma manifestação de Deus, um canal de Deus. Não há diferença entre Deus e o guru. Se ele o chamou para vir e não está aqui, isso é um jogo dele, um jogo divino para pegar seu ego. Confie. De alguma maneira ele vai te dar o darshan” (na cultura védica, “darshan” representa a “visão” ou “presença” de uma divindade, santo ou guru. Mais do que apenas um simples ato de ver, darshan implica uma troca espiritual profunda. É a experiência de estar na presença do sagrado, na qual o devoto recebe bênçãos, energia espiritual e graça divina através da visão e da interação com a divindade ou ser iluminado).

Um pouco mais aliviado com aquele acolhimento, segui o caminho. Visitamos o templo de Shiva, onde entramos para visitar o Swami (título dado na tradição védica àqueles que dominaram sua mente, são mestres de si e muitas vezes mestres espirituais), do templo, Satyapal. Naquele exato instante Maharajji liga para Satyapal, e este informa a ele que havia um buscador à sua procura. Maharajji respondeu: “Estou voltando.

Amanhã eu me encontrarei com esse buscador”. Dei um pulo de alegria. Onde havia tristeza, agora era só alegria. O encontro finalmente se deu, primeiro durante os quinze dias, e a partir dali de maneira contínua, sistemática. Seriam três anos de treinamento, com Maharajji me iniciando nos aprendizados da antiga linhagem Sachcha, cuja missão é despertar o amor em todos e em todos os lugares.

Sachcha significa “Verdade”, a verdade irrefutável e absoluta. Contam as lendas da linhagem que ela é tão antiga quanto o Sol. Mas, até onde a história consegue acompanhar, um poderoso iogue chamado Katcha Baba, que tinha os poderes de Vishnu, transferiu-os para outro santo chamado Sachcha Giri Nari Baba, encarnação do Rishi Narada. E, seguindo a tradição védica de guru-discípulo, veio Sachcha Baba, santo que encarnou para trazer o compromisso da linhagem na forma do mantra “Prabhu Aap Jago” (Deus, desperte) e, por sua vez, transmitiu para meu guru Sri Hans Raj Maharajji a herança da linhagem. O poder libertador do guru só pode ser transmitido assim, de um mestre para seu discípulo, o que é conhecido como “parampara”, preservando dessa forma a pureza da linhagem.

Ao longo desse período, eu ia para a Índia, ficava alguns dias com Maharajji e me via com o privilégio de uma experiência divina. Em seguida, voltava para a minha velha vida. A discrepância entre os dois momentos era inevitável. Havia um enorme hiato entre aquilo que vivia ao estar na presença de Maharajji e aquilo que era minha vida no Brasil. Meu dia a dia, por melhor que fosse, estava a anos-luz da alegria incontida da presença de Maharajji. Comecei, então, a resistir a esse encontro, pois era uma fonte de dor e sofrimento sempre que retornava à minha vida normal.

Foi no segundo ano de treinamento que entrei novamente no vale das sombras. Descobri que minha fé não era tão verdadeira. A verdade e a mentira estavam brincando de esconde-esconde dentro de mim. Passei a ver a foto de Maharajji no altar da minha casa e passar reto, a fingir que não era comigo, a tentar escapar do mestre. Aos poucos comecei a perceber a fuga. Senti que estava realmente resistindo a algo. Havia alguma coisa em mim que não queria morrer. Comecei a ver o tamanho do ego que ainda existia, quanto de vaidade, de autoengano dentro de mim. Fui vendo que tudo isso existia porque eu ainda carregava uma grande dor. Eram contas pendentes com o passado. E assim segui essa jornada de amor e ódio, de entrega e resistência, por um longo período.

Voltei à Índia no ano seguinte, cheio de julgamentos e ceticismo. E aconteceu algo curioso: Maharajji me tratou como se não me conhecesse, como se nunca tivesse me visto. Foi aí que afundei ainda mais. Mas havia um fio de consciência que me dizia: “Isso que está acontecendo é um jogo divino de purificação”. Até que eu consegui atravessar o vale das sombras e da morte, esse deserto de dor que eu carregava. Quando pude realmente superar esses problemas, liberar os sentimentos negados, perdoar o passado e me harmonizar, foi aí que vi Maharajji na minha frente. Eu o vi de novo e me rendi.

Até encontrar Maharajji, eu nunca tivera a intenção de ser um discípulo, muito menos um guru. Isso simplesmente não estava nos meus planos. Nunca havia pensado sobre isso. Mas, na hora que ele colocou o dedo no meu terceiro olho para me transmitir o mantra na iniciação espiritual, senti uma coisa diferente. Quando ele falou que a essência da sadhana (prática espiritual) é um caminho em direção à entrega, vi que não tinha a mínima ideia do que era ser discípulo. Falei para ele: “Não sei nada, não sei nada, não sei nada. Pegue minha mão e me leve”. E aí comecei realmente a me tornar um discípulo.

Naquele movimento de entrega sincera, comecei a ter momentos de samadhi, experiências de comunhão com o todo, sentir a unidade – com Deus, com a existência, com a vida. É um momento em que você se sente preenchido, completo. As perguntas desaparecem. O problema é que eu não conseguia ficar naquele lugar. Ou seja, não sabia como voltar para aquele estado de êxtase. Imagine ter a chance de ir para o céu e depois precisar voltar para o inferno. Era assim que eu me sentia. Minha meta se tornou estabilizar-me naquele estado; permanecer no céu, não voltar para o inferno da mente duvidosa, da mente que compara, julga e pensa compulsivamente. Era isto: como fazer para não voltar ao vale do sofrimento e, finalmente, despertar?

Para falar um pouco sobre o meu despertar no Mahashivaratri de 2002, tenho que buscar na minha memória os acontecimentos anteriores que serviram de base para alcançar o ápice desse evento que mudou a minha vida.

Depois do encontro com meu guru, em 1999, me entreguei a ele e comecei o treinamento que me propôs – japa, meditação, seva –, ficando alguns meses com ele na Índia e a outra parte do tempo no Brasil, levando

a vida que o karma assim me determinava. Num desses períodos em terras brasileiras, eu estava participando de uma cerimônia daimista, cantando o hinário “O Cruzeiro”, do mestre fundador dessa doutrina, Raimundo Irineu Serra. Em determinado momento do trabalho espiritual entrei numa miração, que é um estado de expansão de consciência provocado por essa medicina da floresta, em que eu estava indo ao encontro de Jesus. Fui aos seus pés e abri os olhos na intenção de encontrá-lo, mas o que vi foi uma pessoa de túnica laranja, cabelo *black power* e pele escura. Fiquei chocado, porque naquela época não havia nenhuma conexão entre mim e Sathya Sai Baba, um grande mestre espiritual indiano que reunia multidões. Eu ouvira falar dele, mas nesse momento estava muito mais influenciado pelo mestre Osho, que fazia suas críticas em relação a Sai Baba. No entanto, essa experiência foi tão forte e vívida que eu não podia negar. Comecei a ver Sai Baba em todos os lugares e pensei que deveria investigar o que estava acontecendo. Conversei com meu guru Maharajji e ele me autorizou a visitar Sai Baba.

Então, desde 2001, passei a ir uma vez ao ano para Puttaparthi, ao ashram de Sai Baba, antes de me encontrar com meu guru em Rishikesh. Eu estava lá quando ouvi uma voz dentro de mim, como se fosse a minha criança chamando pela minha mãe, “mãezinha, mãezinha-zinha”. Entrei em meditação, e ali a minha consciência se abriu e tive uma experiência transpessoal, através de uma regressão em que revi a história do meu nascimento. Como eu cheguei a este mundo por uma mãe que tinha 17 anos de idade, e toda uma programação de vida que descarrilou com o meu nascimento.

Entre numa zona interior em que havia muitos sentimentos negados e que estavam trancados dentro de mim. Nesse momento, comecei a entender a história desta minha encarnação. Mais tarde, com a chegada de Sai Baba ao salão onde eu estava, em Puttaparthi, houve a materialização de um anel com a figura dele que apareceu no chão para mim, o que considero um presente precioso. Nesse dia, Sai Baba materializou um Lingam, que é uma das representações de Shiva, pela boca. Depois, lendo a esse respeito, descobri que quem assistia a essa materialização teria a garantia de liberação nessa vida.

O fato é que, nessa mesma noite, tive uma visão do Lingam, com uma serpente enroscada e Shiva emitindo um som.

Após esses episódios, já em Rishikesh, às vésperas do Mahashivaratri, em 2002, esse processo de entrar em samadhi foi se intensificando tremendamente. Tudo isso acontecia espontaneamente, e eu queria ter um domínio sobre esses estados, saber ir para aquele lugar de bem-aventurança intencionalmente, mas não conseguia. Mahashivaratri é a grande noite do Senhor Shiva, divindade hindu que traz o aspecto da transformação. Nessa noite, em que a Lua se esconde por completo e deixa de exercer poder sobre nossa mente, um portal de ascensão espiritual se abre. Foi então que, naquela noite de Mahashivaratri, fui para a beira do sagrado rio Ganges, em Rishikesh, e pedi com o máximo de honestidade e sinceridade à Mãe Divina, na forma de Ganga, que me libertasse do sofrimento. Fiz essa oração por meio de um canto que nasceu no meu coração, naquele momento.

Pedido

Hino 44 do hinário “O Caminho do Coração”, de Sri Prem Baba

*Um pedido agora eu faço para eu poder renascer
E acordar realizado bem juntinho do poder*

*Mãe Divina e Soberana, vós que tem todo o poder
Ilumina minha vida, vou eterno agradecer¹*

A minha manifestação foi tão verdadeira que fui atendido e, nesse momento, entrei em samadhi novamente. Quando eu ia saindo do estado de unidade – que durou segundos, mas parecia a eternidade –, vi que existiam dois eus dentro de mim: um era falso, e o outro, verdadeiro. Naquele momento, entendi que aquela volta para a dualidade era uma escolha minha, porque havia uma parte em mim ainda comprometida com o sofrimento, apegada à ilusão – assim, pude perceber todo o jogo do falso eu.

¹ Dentro da tradição do Daime, os hinos são mantidos da forma como foram recebidos originalmente, sendo comuns erros gramaticais e/ou de concordância.

Quando entendi isso e vi que a escolha de voltar para o sofrimento era o falso eu atuando em mim, aprendi o caminho de entrar no céu intencionalmente. Após anos de dedicação ao caminho espiritual, ao yoga, ao autoconhecimento, finalmente recebi a graça divina de me libertar do labirinto da mente e permanecer nesse estado de consciência. Dei uma grande gargalhada e, naquela hora, corri para o quarto de Maharajji, que também estava rindo. Demos uma grande gargalhada juntos, porque ele havia testemunhado tudo que acontecera comigo, mesmo sem eu ter dito nada. Então Maharajji me falou: “Você é um guru e, como guru, está livre para ensinar como quiser. Só peço uma coisa: que você conduza todos para Deus”.

Ouvir de Maharajji essa frase foi uma experiência muito profunda, porque junto com ela veio a compreensão do meu propósito de vida e da programação da minha alma. Na verdade, o reconhecimento de que sou um canal e do que vim fazer aqui durante esta encarnação. Isso me preencheu e deu um sentido claro para a minha vida.

Senti-me preenchido naquela véspera do Mahashivaratri de 2002. No dia seguinte, Maharajji me chamou ao seu quarto. Ele estava com ShantiMayi, uma das gurus que ele havia iniciado – aquela de que ouvira falar quando estava em Pune –, e tinham um presente para mim, que era uma sandália de Maharajji feita de prata. Ele pisou nessas sandálias, abençoando-as, e as entregou para mim, para que posteriormente fossem colocadas no meu ashram, Sachcha Mission, em Nazaré Paulista (SP).

Há um fato importante que ilustra todo esse processo que vivi. Quando tive essa experiência no ashram Prasanthi Nilayam, de Sai Baba, comecei a ouvir dentro de mim uma voz falando “Prem Baba, Prem Baba”. Isso ficou reverberando no meu interior, e no ano seguinte me lembrei novamente desse nome e perguntei a Maharajji o que significava. Ele me disse que aquele era o meu nome espiritual: “Era assim que Sachcha Baba se chamava no começo do trabalho dele. É assim que Sachcha também vai trabalhar em você”. Foi a partir daí que descobri a possibilidade de existência de uma felicidade duradoura, uma felicidade que não depende de absolutamente nada lá fora – ela está dentro de nós, como florescimento da consciência. Era fevereiro de 2002.

Nascia Sri Prem Baba, o nome que ganhei do meu mestre. Pai do Amor. E foi assim que se abriu uma nova e indescritível jornada da minha

alma – uma experiência de comunidade, de comunhão, que cresceu e se espalhou de maneira vertiginosa, intensa e extensamente mundo afora. Busquei construir uma ponte entre o Oriente e o Ocidente, integrei a essência de todas as linhas de conhecimento que estudei para ensinar a espiritualidade na prática, criei um método de autoconhecimento e autotransformação, o Caminho do Coração, escrevi livros. Nos anos seguintes, busquei mostrar a meus discípulos e alunos que o único meio de nos tornarmos seres humanos mais felizes e despertos é aprendendo a nos auto-observar, para que sejamos capazes de identificar nossos padrões destrutivos de comportamento, podendo, assim, escolher fazer diferente.

Junto com o movimento do amor e do autoconhecimento viriam o sucesso, a vaidade, a inveja, muitas sombras, outras quedas, frustrações, tempestades e angústias. Novas provações para aprimorar o que comunico ao mundo e reafirmar o que venho ensinando – amor, honestidade, autorresponsabilidade, dedicação, gentileza, serviço e beleza. Sombras e êxtases, numa história complexa na qual tento manter a mente aberta como a de um aprendiz.

